

TROTTA, Felipe (2011). *O samba e suas fronteiras: “pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990.* Rio de Janeiro, Ed. UFRJ

Luã Ferreira Leal*

A moderna invenção musical brasileira

A questão central do livro de Trotta é a transformação no cerne daquele que é considerado o gênero musical representativo da nacionalidade brasileira: o samba. De acordo com o autor, a partir da década de 1990 foram soerguidas por músicos, pesquisadores da música brasileira e jornalistas as trincheiras estéticas entre o “samba de raiz” e o “pagode romântico”, dois tipos de samba que apresentam diferenças nas temáticas das letras, nos padrões rítmicos e na sonoridade. *O samba e suas fronteiras* poderá contribuir profundamente para as pesquisas que aproximam questões sobre indústria cultural com a problemática do campo artístico. Trotta identifica uma nova configuração do mercado de bens simbólicos no Brasil, sendo uma das principais consequências a profissionalização da prática artística.

Publicado em 2011 pela Editora UFRJ, *O samba e suas fronteiras* é resultado da tese de doutorado defendida por Felipe Trotta em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. O sucinto prefácio de Carlos Sandroni destaca a interdisciplinaridade presente na elaboração da pesquisa e na formação acadêmica do autor, graduado e mestre em Música pela UNIRIO. Sandroni indica que o livro poderá ser inserido em dois conjuntos da bibliografia sobre a música brasileira: um que pode ser considerado o cânone composto por reflexões sobre o samba; e o outro sobre os gêneros “americanizados”, tratados por alguns críticos musicais brasileiros como gêneros de baixa qualidade.

Ao analisar o processo de criação de novas categorias mercadológicas e suas consequências no plano cultural, Trotta não aprofunda o debate sobre o campo semântico dos estudiosos da música popular brasileira. Como a proposta do livro é

* Graduando em Ciências Sociais – FGV/RJ.

levantar questões acerca das transformações do campo musical, destacando os dilemas enfrentados pelos músicos situados na intersecção entre a esfera comercial e a esfera artística, deveria ser tratada, mesmo que de forma breve, a trajetória da utilização de determinados conceitos-chave para o pensamento social brasileiro, como nacional e popular, bem como a sua incorporação no debate sobre a autenticidade do samba.

Destaco outro aspecto que mereceria maior atenção no livro de Trotta: a declaração de Rildo Hora, “o samba é um gênero que tem uns braços tão longos que abraça toda a nação brasileira”, utilizada como epígrafe do livro, pressupõe a capacidade do samba amalgamar a identidade nacional. O autor não aborda do ponto de vista analítico, tampouco cita como referência bibliográfica, algumas das obras fundamentais sobre construção da nacionalidade, como as propostas teóricas de Benedict Anderson (2008) e de Eric Hobsbawm em *Nações e nacionalismos desde 1870* (1984) e *A invenção das tradições*, escrito em parceria com Terence Ranger (1990).

O livro *O samba e suas fronteiras*, além da “Introdução” e da “Conclusão”, é dividido em seis capítulos: “O mercado da música”, “O samba no mercado – a construção de um paradoxo”, “Música popular e legitimidade”, “O pagode romântico”, “Samba ‘de raiz’ versus pagode romântico: a legitimidade em disputa” e “Samba e diversidade estética”. À medida que avança, o livro torna-se menos frágil do ponto de vista de comprovação de hipóteses e torna-se menos recorrente a bricolagem de teoria social, a qual deveria ter sido instrumentalizada com parcimônia. No início do capítulo “Música popular e legitimidade”, as proposições de Bourdieu sobre as regras que conformam as disputas e as tensões no campo artístico poderiam ter sido incorporadas à análise. Considero que em algumas passagens houve um apressamento no tratamento de questões teóricas centrais sobre o gosto, o valor artístico e a criação de uma identidade nacional vinculada a um gênero musical.

Em razão da perspectiva interdisciplinar ressaltada por Carlos Sandroni no prefácio, *O samba e suas fronteiras* não deveria demonstrar fragilidade na exposição da narrativa histórica. Nos dois primeiros capítulos, “O mercado da música” e “O samba no mundo – a construção de um paradoxo”, diversos trechos compõem de forma apenas expositiva os passos iniciais para o embasamento do argumento central do livro. Tal construção do argumento, contudo, fica prejudicada com o pouco apurado olhar historiográfico sobre o objeto tratado. Verifica-se, por exemplo, uma parcela importante de informações sobre a história das empresas do mercado fonográfico, as *majors*, ser condensada na segunda nota do primeiro capítulo. Faltou

clareza também na apresentação dos dados históricos acerca da produção da sonoridade denominada samba, sendo um dos principais pontos negativos do livro a reduzida quantidade de fontes utilizadas.

Com a fluência da escrita aliada ao interessante tema abordado, Trotta trata na segunda metade do livro dos conflitos estéticos, oriundos da valoração comparativa entre estilos envolvendo as duas trincheiras do samba. Apesar de conseguir com a escrita palatável manter o interesse do leitor sobre o livro, é imprescindível ressaltar que o autor alcançaria um notável resultado com maior rigor na utilização de fontes diversificadas para a construção do argumento central.

Ao tratar das disputas pela legitimidade estética, o livro envereda pelo mais importante debate entre os artistas do samba “de raiz” e os do “pagode romântico”. Os critérios de legitimidade para o primeiro grupo estariam ligados à qualidade da produção, ao passo que a quantificação seria a principal marca dos artistas vinculados ao “pagode romântico”. O pagode, de acordo com esse viés interpretativo, se afastaria de valores compartilhados pelos sambistas “autênticos”, que consideram a informalidade, o improviso e a intimidade da roda de samba como forma de defender a trincheira do samba “de raiz” e entendem as escolas de samba como instâncias de legitimação. A profissionalização, portanto, incide como o fator de divisão dos sambistas tradicionais em relação aos artistas do “pagode romântico”. Nei Lopes, um dos principais opositores dos grupos de pagode surgidos na década de 1990, afirma que as músicas viraram produtos e indaga sobre quem pode utilizar a denominação samba. A legitimidade dos sambistas “de raiz”, portanto, é estabelecida pela defesa da tradição. O surgimento de novas classificações no interior da categoria samba e a profissionalização dos artistas permitiram, por um lado, a consolidação dos grupos de pagode no mercado fonográfico brasileiro e, por outro, abriram novos espaços para o samba “raiz”.

Além das tensões entre a “roda” e o “mercado” – esferas aparentemente antitéticas no bojo da categoria samba – o autor utiliza para estudo de caso três grupos de pagode que redefiniram a categoria e promoveram a sua desterritorialização. Os grupos paulistas Raça Negra e Negritude Júnior e o mineiro Só Pra Contrariar se consolidaram no mercado com o estilo simples da letra, da harmonia e do ritmo, abordando a temática do amor feliz ou de casos de solidão, saudade e sofrimento, devido ao fim do relacionamento amoroso. A sonoridade próxima às baladas român-

ticas é uma indicação de que esses grupos inserem em sua estética musical algumas influências da música pop internacional.

Nos capítulos “Música popular e legitimidade” e “O pagode romântico”, Trotta levanta interessantes questões acerca da invenção da categoria MPB e das peculiaridades do campo musical brasileiro. Ao tratar da constituição de uma categoria mercadológica denominada “pagode”, o autor apresenta dados sobre a sedimentação de uma estética pop, definindo-a como música jovem dançante, e sobre a massificação do samba, que teve como consequência a ampliação dos mercados consumidores desse segmento estético. As diferentes formas de legitimação no mercado da música e os juízos de valor que determinam os critérios de qualidade da produção artística são abordados no capítulo “Samba ‘de raiz’ versus pagode romântico: a legitimidade em disputa”. No capítulo “Samba e diversidade estética” e na “Conclusão”, Trotta sinaliza que os grupos de “pagode romântico” favoreceram a recuperação dos sambistas “de raiz” por determinados segmentos do mercado, apesar das críticas à precariedade das letras, à utilização do “padrão rítmico Ben Jor”, diferentemente do padrão hegemônico conhecido como “paradigma do Estácio”, largamente utilizado pelos músicos vinculados ao “samba de raiz”, e à construção de uma performance atrelada ao consumo de bens da classe alta.

Com este livro, é possível compreender o surgimento, a ascensão e a queda de diferentes grupos de “pagode romântico” durante a década de 1990. No período analisado, o mercado fonográfico brasileiro sofreu uma diversificação de bens culturais lançados pelas *majors*, que acompanhou a diversificação do público consumidor. O paradoxo entre samba e mercado continua a existir, porém a relação se tornou mais próxima, sobretudo com a bem-sucedida empreitada das gravadoras ao lançar vários grupos que conseguiram grande vendagem de CDs. Com a diversificação da produção de bens culturais, Raça Negra, Só Pra Contrariar, Negritude Júnior e outros grupos de “pagode romântico” abriram espaço para a recuperação por outras frações do mercado fonográfico do samba de “raiz”, vinculado, no discurso dos músicos que representam essa corrente, à autenticidade e considerado herdeiro das tradições africanas que se enlevaram no Brasil. Alguns pontos teóricos poderiam ser tratados de forma mais densa no livro; contudo, ressalto que Felipe Trotta conseguiu tratar com êxito os impactos da moderna invenção musical brasileira no mercado fonográfico brasileiro durante a década de 1990.

Referências

ANDERSON, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras.

HOBBSAWM, E. (1990). *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (1984). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

ORTIZ, R. (1991). *A moderna tradição brasileira*. 3ª edição. São Paulo, Brasiliense.

Recebido em abril/2012

Aprovado em maio/2012